

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza Priscilla Jordanne Silva Oliveira Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas Matteo Henrique Sartore Letícia Oliveira Lima Beatriz dos Santos Rissi Barbra Kei Yaguiui Knorst Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 8

NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 10/03/2021

Clara Gomide Saraiva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da UERJ
<http://lattes.cnpq.br/6441897934126747>

Trabalho apresentado no VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas, realizado entre os dias 28 de setembro a 1º de outubro de 2020, na modalidade virtual.

RESUMO: Este trabalho traz notas preliminares da pesquisa em andamento sobre a relação entre a teoria unitária da reprodução social e o debate da consubstancialidade ou a teoria dos sistemas duplos e triplos. Buscaremos analisar como se insere a categoria patriarcado na totalidade das relações sociais do modo de produção capitalista à luz das diferentes perspectivas. Por um lado, a produção teórica da corrente das feministas materialistas, de origem francófona, que sustenta a existência de um modo de produção patriarcal ou doméstico que coexiste com o capitalismo e dita as relações de opressão entre os sexos. Por outro, o que sustentam autoras do feminismo marxista da teoria da reprodução social, ou teoria unitária, na qual o patriarcado é parte do capitalismo, desde a sua origem, e que as relações de classe, gênero e raça compõe a unidade indivisível entre produção e reprodução social na totalidade sistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; patriarcado; capitalismo.

PRELIMINARY NOTES ON CAPITALISM AND PATRIARCHY: THE DEBATE BETWEEN THE UNITARY THEORY AND MATERIALIST FEMINISM

ABSTRACT: This work brings preliminary notes from the ongoing research on the relationship between the unitary theory of social reproduction and the debate on consubstantiality or the theory of double and triple systems. We will try to analyze how the category of patriarchy is inserted in the totality of social relations in the capitalist mode of production in the light of different perspectives. On one hand, the theoretical production of the current of materialist feminists, of Francophone origin, which supports the existence of a patriarchal or domestic mode of production that coexists with capitalism and dictates the relations of oppression between the sexes. On the other hand, what supports the authors of Marxist feminism of the theory of social reproduction, or unitary theory, in which patriarchy belongs to capitalism, since its origin, and that class, gender and race relations make up the indivisible unity between production and social reproduction in the systemic totality.

KEYWORDS: Feminism; patriarchy; capitalism.

1 | TRABALHO E REPRODUÇÃO SOCIAL

Desde os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, Marx discutiu dialeticamente o fato de que o trabalho é, ao mesmo tempo, uma dimensão fundante do ser humano enquanto ser

social e, na sociedade capitalista, ganha características de estranhamento ou alienação, onde os sujeitos sociais não se enxergam no fruto do seu trabalho¹.

No desenvolvimento histórico-social e na produção e reprodução do capital, o trabalho passa a ser uma *relação social* na qual o trabalhador entrega o valor de uso de sua força de trabalho a um capitalista que detém os meios de produção, e que emprega essa *força de trabalho* para produzir mercadorias e acumular capital. Neste processo, o trabalhador consome os meios de produção pertencentes ao capitalista para a realização do seu trabalho, transformando-os em um produto que conterà a mais-valia. Além deste consumo, que Marx considera como consumo produtivo, o trabalhador também precisará consumir meios de subsistência para “*reproduzir músculos, nervos, ossos e cérebro do trabalhador existente e para gerar novos trabalhadores*” (MARX, 1984, p. 666). Este tipo de consumo será definido como *consumo individual*.

Repetindo as palavras de Marx, é a “*produção e reprodução do meio de produção mais imprescindível ao capitalista, o próprio trabalhador*” (MARX, 1984, p. 666), detentor da única mercadoria, a força de trabalho, capaz de gerar mais-valor quando empregada em um processo produtivo. Queremos chamar atenção ao fato de que, neste trecho, Marx deixa claro que o consumo individual do trabalhador é fator da produção e reprodução do capital, seja dentro ou fora do processo de trabalho. Isso porque é condição absolutamente indispensável para a roda do capital girar, seja na renovação de energias do trabalhador para mais um dia de exploração, seja na renovação geracional da classe trabalhadora.

O que uma série de feministas chamam a atenção, neste trecho, é para o raciocínio de Marx de que a reprodução dos trabalhadores poderia ser deixada por conta dos seus “*instintos de conservação e perpetuação*”. Na realidade, o processo de reprodução social da força de trabalho, até mesmo por ser “*imprescindível ao capitalista*”, é fruto de importantes investidas, tanto no nível material e objetivo, quanto no ideológico e espiritual. Envolve um jogo de forças complexo, entre capital, trabalhadores e Estado capitalista, sendo absolutamente atravessado pela luta de classes. Como afirma Vogel (2013), “*Diversas características da reprodução da força de trabalho e da opressão das mulheres na sociedade capitalista surgem da lógica da acumulação capitalista em si.*” (VOGEL, 2013, p. 198).

Portanto, a produção e reprodução do capital ditam a produção e reprodução da classe trabalhadora. Mesmo que na aparência exista uma independência do trabalhador, ela é apenas ilusória. Mesmo que não esteja preso por grilhões como o escravo romano, como afirma Marx, o trabalhador está “*preso a seu proprietário por fios invisíveis*”, ainda que haja a “*mudança contínua de seus patrões e a ficção jurídica do contrato*” (MARX, 1984, p. 667). Ou, podíamos ainda acrescentar, que escolha com quem vai casar, quantos filhos quer ter, que produtos de limpeza e comida vai escolher no mercado. Mesmo no

¹ A *alienação do trabalho* é fruto desse processo em que o trabalhador não detém nenhum controle sobre o processo produtivo, as matérias primas, os meios de produção e, conseqüentemente, sobre as mercadorias que produz. Muito pelo contrário: passam a dominá-lo.

terreno da reprodução social, os “fios invisíveis” ainda estão ali, assombrando nossas vidas e guiando nossas escolhas.

Vogel (2013) e uma série de autoras levantam a necessidade teórica de investigar essa lacuna deixada por Marx e tão fundamental para compreender as engrenagens da opressão à mulher. Portanto, é esse o desafio que a teoria da reprodução social busca enfrentar. Compreender a relação entre capital e trabalho expressa não apenas na produção, mas também na reprodução das condições da produção. Tal investigação é fundamental para perceber que a lógica do capital incide em todas as partes da vida, compreendendo o caráter social de todos os tipos de trabalho. E também no sentido de encontrar brechas para subverter essa ordem de coisas. Lutas de conteúdo anticapitalista podem se expressar em diversas esferas, fugindo de uma compreensão economicista que reduz a mobilização dos trabalhadores ao seu local de trabalho e a questões salariais, e inclusive dando a essa um sentido mais amplo, de que a luta por melhores condições de trabalho é a luta por melhores condições de vida.

2 | A RELAÇÃO ENTRE REPRODUÇÃO SOCIAL E TRABALHO DOMÉSTICO

Como já afirmado anteriormente, é possível tratar do debate de reprodução social em diferentes níveis e significados. À teoria da reprodução social, lhe interessa especificamente a reprodução social da força de trabalho, responsável pela conservação e manutenção física e mental dos trabalhadores, quando devem “*descansar, dormir, (...) satisfazer suas necessidades físicas, alimentar-se, vestir-se etc.*” (MARX, 1984, p. 262), além de “*necessidades espirituais e sociais cujo número e extensão são determinados pelo nível geral da civilização.*” (MARX, idem).

A bem da verdade, o trabalhador e a trabalhadora, pertencentes a um núcleo familiar, não se reproduzem apenas a si mesmos, mas também garantem a reprodução de outras pessoas sob sua responsabilidade que não estão diretamente no processo de produção: filhos, idosos, deficientes físicos, desempregados. Sistematizando, a reprodução social da força de trabalho se dá em três dimensões distintas: (1) a manutenção dos trabalhadores, produtores diretos; (2) a manutenção dos não-trabalhadores da classe trabalhadora; e (3) o processo de substituição geracional. Destes, apenas o último contém uma divisão sexual pré-determinada, já que apenas as mulheres são biologicamente capazes de gestar, parir e amamentar novos seres humanos, ou novos trabalhadores, tratando-se do capitalismo e de uma unidade familiar da classe trabalhadora. Ainda assim, à mulher trabalhadora é repassada um conjunto de responsabilidades voltadas à reprodução social da força de trabalho. Mais especificamente, o que convencionou-se chamar de *trabalho doméstico*.

Há uma importante bibliografia que aborda a conceituação do trabalho doméstico e seu papel na reprodução social da força de trabalho. Vogel, em sua obra clássica *Marxism*

*and the Opression of Women*² (2013) explicita assim a questão, buscando dar um sentido ao trabalho doméstico nos marcos da crítica da economia política marxista.

A discussão de Marx sobre a relação entre o trabalho necessário e o excedente na jornada de trabalho é maravilhosamente clara. Ao mesmo tempo, o seu enfoque num único trabalhador individual necessariamente exclui a consideração de todo o trabalho adicional que assegura não só a manutenção e a substituição do trabalhador, mas também a de seus familiares, de sua comunidade e da força de trabalho em geral. O fato de que esses vários processos possam ser omitidos do relato de Marx, pelo menos neste momento, é um efeito da organização social específica do capitalismo. Como em nenhum outro modo de produção, as tarefas de manutenção diária e de substituição geracional estão espacial, temporária e institucionalmente isoladas da esfera da produção. No seu conceito de “consumo individual”, Marx reconheceu que o capitalismo confere à vida fora do trabalho um caráter radicalmente distinto do trabalho assalariado. O consumo individual acontece quando “o trabalhador transforma o dinheiro que lhe é pago pela sua força de trabalho em meios de subsistência”. O principal interesse de Marx aqui é contrastar o consumo individual de meios de subsistência do trabalhador com seu “consumo produtivo” de meios de produção enquanto está no trabalho. Mas ele disse pouco sobre o trabalho real envolvido no consumo individual. Este é um âmbito de atividade econômica essencial para a produção capitalista que, no entanto, está ausente na exposição de Marx. (VOGEL, 2013, p. 191)

Em outra passagem, ela afirma:

Marx nunca foi explícito sobre o que era coberto pelos conceitos de consumo individual e de trabalho necessário. Conforme discutido acima, o conceito de consumo individual esteve restrito aqui à manutenção imediata do produtor direto. O trabalho necessário é utilizado, entretanto, para descrever todo o trabalho realizado no curso da manutenção e renovação tanto dos produtores diretos quanto dos membros da classe subordinada que não estejam trabalhando como produtores diretos. (VOGEL, 2013, p. 149)

O que Vogel (2013) nos chama a atenção, em suma, é que há um conjunto de atividades que acompanha o consumo individual do trabalhador e o trabalho necessário a que Marx se refere n’O Capital. Se ambos estão relacionados à manutenção e renovação dos trabalhadores, há uma necessidade de identificar onde se localizam as tarefas domésticas que são parte desse processo. Vogel (2013), então, se aventura por uma conceituação do trabalho necessário como contendo uma dupla dimensão, ou a partir de dois componentes que o integram: um social e um doméstico, sendo o primeiro vinculado ao trabalho excedente, e o segundo que ocorre fora da esfera da produção capitalista, dentro das unidades domésticas familiares.

Marx não identificou um segundo componente do trabalho necessário na sociedade capitalista, que podemos chamar de componente doméstico do trabalho necessário, ou trabalho doméstico. Trabalho doméstico é a parte do trabalho necessário que é realizada fora da esfera da produção

2 Traduzido ao português: *Marxismo e a Opressão das Mulheres*.

capitalista. Para que a reprodução da força de trabalho ocorra, se precisa tanto do componente doméstico quanto do componente social do trabalho necessário. Ou seja, o salário pode permitir que um trabalhador adquira mercadorias, mas um trabalho adicional – o trabalho doméstico – geralmente deve ser executado antes de elas serem consumidas. Além disso, muitos dos processos de trabalho associados à substituição geracional da força de trabalho são realizados como parte do trabalho doméstico. (VOGEL, 2013, p. 158-159)

Assim como Vogel, Safiotti (1979) considera o trabalho doméstico, incluindo o trabalho assalariado de empregadas domésticas em residências familiares, como uma atividade fora da esfera da produção capitalista. A autora reafirma o papel do trabalho doméstico para a reprodução social da força de trabalho e, por fim, chega a um raciocínio que vai além do desenvolvido por Vogel. Para ela, já que o trabalho doméstico, tanto o gratuito como o assalariado, se configura como uma atividade não-capitalista e que não está relacionado nem ao processo de produção nem de realização da mais-valia, ele segue outra lógica de funcionamento que não a do modo de produção capitalista, ainda que nessa sociedade esteja adaptado e coexistindo com ele (SAFIOTTI, 1979).

Desempenhando tarefas que tornam possível a produção e a reprodução da força de trabalho, a empregada doméstica cria condições para a reprodução do sistema capitalista. Fá-lo, porém, de forma não-capitalista (...) Não gerando mais-valia, nem atuando na esfera de sua realização e apropriação, a empregada doméstica não se insere, definitivamente, no setor de atividades econômicas capitalistas. Tampouco pode ser caracterizada como produtora simples de mercadorias.

Parece mais lógico admitir-se que as atividades domésticas, quer desempenhadas gratuitamente, quer assalariadamente, vinculam-se, historicamente, ao modo de produção doméstico, tendo sofrido a redefinição necessária à sua sobrevivência nas formações sociais dominadas pelo modo de produção capitalista. (SAFIOTTI, 1979, p. 41-45)

É possível, portanto, perceber o trabalho doméstico como uma atividade que é fundamental para o funcionamento mais geral da sociedade capitalista, já que sem ele não há a reprodução social da força de trabalho ou, em palavras mais simples, as condições físicas e a reposição geracional para que homens e mulheres vendam sua força de trabalho e sejam explorados pelo capital ininterruptamente. Ainda que ambas as autoras concordem que o trabalho doméstico se localiza fora da esfera produtiva e sem relação direta com o capital, discordam se este se orienta pela lógica da acumulação capitalista, como afirma Vogel, ou se seria determinado por uma lógica distinta, ainda que em acordo com este, sendo determinado pelo modo de produção doméstico, como afirma Safiotti.

Vogel, em uma nota de rodapé no Apêndice ao seu livro *Marxism and the Oppression of Women* que escreveu anos depois sobre trabalho doméstico, afirma que:

Essa discussão, que esclarece, mas não altera o meu argumento anterior (Vogel, 1983), agora me parece menos persuasiva. O que está claro, no

entanto, é que, quer o trabalho doméstico seja conceituado como um componente do trabalho necessário ou não, o resultado final é que deve ser encontrada alguma maneira de teorizá-lo no interior da economia política marxista. (VOGEL, 2013, 193)

Uma série de produções teóricas seguem no esforço de teorizar, através da crítica da economia política, o trabalho doméstico. Independente de compreendê-lo como um componente do trabalho necessário ou não, nos parece fundamental localizá-lo sob a lógica do modo de produção capitalista, como um momento de sua totalidade, já que assim como a produção e reprodução social são momentos distintos, mas uma unidade indivisível na totalidade do sistema capitalista, também o são o trabalho produtivo, improdutivo e o doméstico. Ainda que este último se realize fora da esfera da geração ou da realização da mais-valia, sem ele o processo de acumulação do capital não se dá, portanto ainda que possua uma relação indireta com o capital, o capital é dependente dele.

O lugar onde este trabalho doméstico será realizado é a unidade familiar em domicílios privados predominantemente (e crescentemente) urbanos como *“forma dominante na maioria das sociedades capitalistas, mas o trabalho doméstico também ocorre em campos de trabalho forçado, quartéis, orfanatos, hospitais, prisões e outras instituições.”* (VOGEL, 2013, p. 159). Na medida em que as famílias deixaram de ser uma unidade de produção própria com relação direta com a terra, a partir do processo de acumulação primitiva do capital e da crescente urbanização, transformaram-se em um lugar privado e localizado fora da produção e circulação de mercadorias. Tal dinâmica teve profundo rebatimento na situação de opressão das mulheres e aprisionamento no lar, ou ainda na divisão sexual do trabalho, sendo ambos parte constitutiva do modo de produção capitalista.

3 | PATRIARCADO, RACISMO E CAPITALISMO: UM SISTEMA OU MÚLTIPLOS SISTEMAS?

Abordaremos, agora, a problemática sobre patriarcado, racismo e como se relacionam com o capitalismo: como sistemas próprios e consubstanciados ao capitalismo, ou como relações sociais de dominação e poder que são estruturantes do capitalismo sem se constituir como um sistema próprio, mas sendo parte integrante do próprio sistema capitalista.

De acordo com Cinzia Arruza:

A transformação da família é, acima de tudo, o resultado da expropriação da terra, ou acumulação primitiva, que separou grandes porções da população de seus meios de produção e subsistência, provocando de um lado a desintegração da família camponesa patriarcal, e, de outro, um processo de urbanização historicamente sem precedentes. O resultado foi que a família passou a não mais representar a unidade de produção com um papel produtivo específico, geralmente organizado nas relações patriarcais específicas que prevaleciam na sociedade agrária prévia. (...)

E aqui está o ponto: embora as relações de dominação de gênero tenham permanecido, elas deixaram de ser um sistema independente que seguia uma lógica autônoma por conta desta transformação da família de uma unidade de produção a um lugar privado fora da produção de mercadorias e do mercado. (ARRUZA, 2015, p. 45-46)

A autora afirma que o patriarcado se expressa através de relações de dominação entre homens e mulheres que são parte constitutiva do capitalismo. Dizer que o patriarcado conforma a sua estrutura desde a origem até os dias atuais faz com que o compreendamos não como um sistema patriarcal independente ou paralelo que coexiste com o capitalismo, mas que está contido nele e regido por suas próprias leis. Por isso, sua teoria é *unitária*: porque na medida em que investiga a opressão da mulher trabalhadora e o patriarcado, investiga o próprio sistema capitalista.

Toda relação de exploração é também uma relação de dominação e alienação, e dessa forma podemos compreender a opressão de gênero e o patriarcado como elementos que atravessam a luta de classes e, também, estruturam as relações de poder do capital e do Estado capitalista. Já a consubstancialidade afirma que as relações patriarcais, raciais e de classe formam, cada uma delas, um sistema próprio, com suas relações de produção, exploração e dominação (ou até escravização, como defendem algumas autoras) que se correlacionam.

Por exemplo, Cristine Delphy, em 1970, teorizou sobre a existência de um modo de produção patriarcal que possuiria relação com o modo de produção capitalista e que, portanto, as mulheres seriam uma classe própria no sentido econômico do termo.

Constatamos a existência de dois modos de produção na nossa sociedade: a maioria das mercadorias é produzida pelo modo industrial; os serviços domésticos, a criação das crianças e um certo número de mercadorias são produzidas pelo modo familiar. O primeiro modo de produção dá lugar à exploração capitalista. O segundo dá lugar à exploração familiar, ou mais exatamente patriarcal. (DELPHY, 2009)

Hartman (1979), no mesmo sentido, identificou dois sistemas autônomos, (o que chamou de teoria do sistema dual) ainda que conectados e historicamente definidos. Silvia Walby (1990) reformulou os sistemas duplos para incluir um terceiro, o racial. Mais recentemente, Danièle Kergoat (2009) teorizou a consubstancialidade dos sistemas patriarcais, raciais e de classe, que seriam sistemas formados pela mesma substância, de dominação e exploração, ainda que sejam diferentes entre si. Mas se vamos às últimas consequências desse esquema teórico, é possível dizer que há diferentes classes e relações de exploração entre homens e mulheres, brancos e negros, além de capitalistas e trabalhadores?

Nos debates do Serviço Social, a autora Mirla Cisne tem se destacado por sua importante contribuição acerca do feminismo, diversidade sexual, consciência de classe, entre outros temas.. Vejamos como ela aborda essa mesma temática:

Basta uma análise um pouco mais atenta sobre a formação sócio-histórica e econômica da sociedade brasileira para identificarmos que três sistemas se fundiram em um único: o sistema heteropatriarcal-racista-capitalista. Mais que isso, essa fusão foi e é absolutamente funcional para a produção e reprodução do capital, uma vez que no patriarcado e no racismo encontramos bases para o entendimento da exploração intensificada da força de trabalho, condição central para a reprodução das situações concretas da exploração e das múltiplas opressões. Será, portanto, sob a luz da análise do racismo e do patriarcado (em suas expressões de sexismo e heterossexismo), como sistemas estruturantes consubstanciados e coextensivos ao capitalismo, que procuraremos problematizar as temáticas relacionadas ao feminismo e à diversidade sexual. (CISNE, 2018a, p. 25)

Se, por um lado, podemos concordar que a formação sócio-histórica do capitalismo no Brasil não pode ser explicada sem levar em consideração os profundos e estruturais racismo e patriarcalismo, encará-los como sistemas próprios nos parece inadequado, ainda que “*estruturantes consubstanciados e coextensivos ao capitalismo*” (CISNE, 2018a, p. 25). Na realidade, o próprio sistema capitalista em sua fundação e desenvolvimento no Brasil se valeu do racismo, de uma sociedade escravista, profundamente machista e patriarcal.

Diferente de Delphy, Cisne (2018) não considera que vivemos sob um sistema duplo ou triplo, ainda que compartilhe um raciocínio parecido sobre a situação de exploração patriarcal das mulheres em casa e fora dela. Em suas palavras:

De modo diferente, cremos na existência de um único modo de produção em vigor. Cabe, contudo, entender que ele não se restringe à esfera produtiva. Até porque essa esfera depende da reprodução social que, por sua vez, é garantida em grande medida pelo que Delphy denomina de “modo de produção doméstico”. Esse modo de produção se realiza por meio da exploração patriarcal sobre o “trabalho desvalorizado” das mulheres, realizado não apenas nos limites da casa, mas, também, fora dela, como vimos anteriormente. Em outras palavras, as esferas produtivas e reprodutivas são indissociáveis, consubstanciais. Sendo esse modo de produção estruturado pelas relações de classe, “raça” e sexo (incluindo sexualidade), podemos denominá-lo de modo de produção racista-patriarcal-capitalista. Temos, portanto, um único sistema, um único modo de produção, mas, conformados por essas relações – mediações e contradições – que são dialeticamente consubstanciais e coextensivos. (CISNE, 2018b, p. 96-97)

A necessidade de nomear como sistema as relações sociais patriarcais e racistas ou então como um “modo de produção doméstico” busca, possivelmente, dar destaque e demonstrar a sua centralidade para a sustentação do capitalismo. Porém, há um perigo ao fazê-lo que é dotar-lhes de uma forma específica de exploração e dominação que não a do capital sobre o trabalho, e dar status de um conflito entre grupos sociais opostos ou marcados por relações de exploração e dominação, como as classes sociais.

Na medida em que tudo determina tudo o mais, a noção de determinação perde sua função explicativa, e torna-se impossível evitar uma regressão infinita nas cadeias causais. Mais ainda, não é claro como a perspectiva da

consustancialidade pode escapar da multiplicação infinita de sistemas de opressão que ela condensa na interseccionalidade. (ARRUZA, 2017, p. 45)

Afirmar isso não é diminuir o destaque que as opressões tem no capitalismo mas, pelo contrário, afirmar que as relações capitalistas em si contém esses elementos, sendo uma totalidade articulada e contraditória de relações de exploração, dominação, opressão e alienação. Não existem leis econômicas puras, assim como não existe exploração do trabalho sem ideologia, coerção, opressão. A acumulação capitalista determina, já que a unidade entre produção e reprodução social é indivisível, as relações sociais de dominação e poder. Sobre a relação entre capitalismo e as opressões, Silvio Almeida nos ajuda a compreender seu caráter estrutural e porque, mesmo surgidos anteriormente à divisão de classes entre capital e trabalho, assumem diante dela “*uma forma especificamente capitalista*”.

O conflito social de classe não é o único conflito existente na sociedade capitalista. Há outros conflitos que ainda que se articulem com as relações de classe, não se originam delas e, tampouco *desapareceriam com ela*: são conflitos raciais, sexuais, religiosos, culturais e regionais que podem remontar a períodos anteriores ao capitalismo, *mas que nele tomam uma forma especificamente capitalista*. Portanto, entender a dinâmica dos conflitos raciais e sexuais é absolutamente essencial à compreensão do capitalismo, visto que a dominação de classe se realiza nas mais variadas formas de opressão racial e sexual. A relação entre Estado e sociedade não se resume à troca e produção de mercadorias, as relações de opressão e de exploração sexuais e raciais são importantes na definição do modo de intervenção do Estado e na organização dos aspectos gerais da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p. 75, grifo do autor)

Mudanças na esfera produtiva impactam na reprodutiva, e vice-versa. Redução de salário que obriga a deixar de pagar a escola; fechamento de creche pública que sobrecarrega financeira e fisicamente; corte de um direito assistencial se combina com a demissão de um emprego que sustentava o aluguel e a subsistência de uma família; situação de miserabilidade, pobreza, alcoolismo, que leva a episódios sucessivos de violência doméstica; desemprego crônico e a necessidade imperativa de recorrer a um aborto clandestino; assédio sexual e moral no local de trabalho. Quando vamos à realidade concreta, é possível definir se a atitude é consequência do patriarcado ou do racismo ou da relação de dominação de classe? Na realidade concreta elas só se explicam quando tomadas em sua totalidade; como determinações de uma mesma totalidade.

Sobre a metodologia para analisar a complexidade da vida real, Mandel nos apresenta um raciocínio de reflexão sobre o sentido da investigação científica. Diz ele:

É bem conhecida a afirmação de Marx de que a ciência era necessária exatamente pelo fato de essência e aparência jamais coincidirem diretamente. Ele não via como função da ciência apenas a descoberta da essência de relações obscurecidas por suas aparências superficiais, mas também a

explicação dessas aparências – em outras palavras, a descoberta dos elos intermediários, ou mediações, que permitem que a essência e a aparência se reintegrem novamente numa unidade. Quando essa reintegração deixa de ocorrer, a teoria se vê reduzida à construção especulativa de “modelos” abstratos desligados da realidade empírica, e a dialética regride do materialismo ao idealismo: “Uma análise materialista não se harmoniza a uma dialética idealista, mas a uma dialética materialista; ela lida com fatores empiricamente verificáveis”. (MANDEL, 1985, p. 8)

Isto posto, é fundamental que a partir da nossa análise não caiamos num erro em compreender a realidade fragmentada, separada, quando não são “empiricamente verificáveis”. Há uma necessidade natural em pontuar bem o que são atitudes racistas, machistas, LGBTfóbicas, xenófobas, em nossa sociedade, e lidar com elas em todas as suas dimensões – na responsabilização do indivíduo, das instituições, do Estado, do modo de produção. Ainda assim, se de alguma forma identificamos leis e determinações que, em si, nos explicam como funciona o patriarcado ou o racismo sem o atravessamento da lei do valor, sem a *unidade indivisível* entre produção e reprodução social e o conjunto de mediações entre essência e aparência, nosso raciocínio pode deixar de ser totalizante.

Ainda que tratemos de forma interseccional e consubstanciada, e declaremos que um sistema não existe sem o outro, é impossível explicar de que forma cada um se desenvolveu ou que leis um suposto “modo de produção doméstico” segue sem atravessá-lo pela lei do valor e pela história da luta de classes. A formação do sistema capitalista, ainda que desigual entre os países, é parte de um mesmo processo histórico que determina condições concretas para a acumulação de capital, extração da mais-valia, exploração e reprodução social da força de trabalho. E o processo histórico é um só, e deu à luz – utilizando-se de todo tipo de violência e opressão que acompanharam a história da humanidade – a um novo e acabado sistema capitalista que refundou, a sua imagem e semelhança, o *seu* patriarcado e o *seu* racismo.

Isso é exatamente o que a “teoria unitária” tenta alcançar: *ser capaz de interpretar as relações de poder baseadas no gênero ou orientação sexual como momentos concretos daquela totalidade articulada, complexa e contraditória que é o capitalismo contemporâneo.* (ARRUZA, 2015, p. 57, grifo da autora)

Encarar a realidade como uma conjunção de sistemas poderia dar a impressão de colocar no mesmo nível – ou com a mesma gravidade – a exploração de classe e as opressões sexistas e racistas. Ou, dito de outra forma, dar centralidade à contradição capital X trabalho significaria secundarizar os demais conflitos sociais opressores. Mas trata-se de uma falsa problemática. Não devemos hierarquizar um processo a outro, mas investigar e compreender de que forma se relacionam *na realidade* em sua *totalidade*. Afirmar que o capitalismo é, ele próprio, o sistema que não pode prescindir do patriarcado e do racismo para sua subsistência é compreender que as suas raízes são as mais profundas possíveis.

Portanto, nomear como sistemas duplos, ou como sistema heteropatriarcal-racista-capitalista, é uma opção metodológica que guarda uma concepção teórica com consequências, e acaba tirando do nome “capitalista” o que ele, em si, já é. Um sistema patriarcal e racista, onde tudo é em nome do capital. Como um buraco negro³ que tudo suga, a constituição do capitalismo se deu assim, apropriando-se de formações econômicas atrasadas e relações sociais desiguais para colocar todos esses elementos em marcha com um único objetivo: o da acumulação de capital. Essa compreensão não me parece simplista, mas totalizante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

_____. **Ligações Perigosas: feminismo e marxismo, casamentos e divórcios.** São Paulo: Usina, 2019.

BHATTACHARYA, Thithi. **Social Reproduction Theory – Remapping Class, Recentring Oppression.** London: Pluto Press, 2017.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central na dialética marxista.** *Outubro*, São Paulo, n.15, 1º semestre de 2007.

CISNE, Mirla. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social.** São Paulo: Cortez, 2018a.

_____. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2018b.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** The University of Chicago Legal Forum, Chicago, n. 140, p. 139-167, 1989.

DELPHY, Cristine. **Conditions Syllepse**, 2009, v. 1. t. segregativa. idade. hoje. o. ?ar aproximaçerualismo histras brasileiras, e dos trabalhadores neg^o**enemie principal: économie politique du patriarcat.** Paris: Éditions Syllepse, 2009, v. 1.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa.** São Paulo: Elefante, 2017.

FERGUSON, Susan. **Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa.** *Cadernos Cemarx*, Campinas, n. 10, 2017.

_____. & MCNALLY, David. **Capital, força de trabalho e relações de gênero.** Introdução à reedição do livro da Lise Vogel. Boston: Brill, 2013.

HARTMANN, Heidi I. **The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a more Progressive Union.** *Capital & Class*, v. 3 n. 2, p. 1-33, 1979

³ **Buraco negro** é uma região do espaço-tempo em que o campo gravitacional é tão intenso que nada — nenhuma partícula ou radiação eletromagnética como a luz — pode escapar dela. (Wikipedia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Buraco_negro)

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na contemporaneidade**. Trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. Capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.

KERGOAT, Danièle. **Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux**. Dorlin, Elsa Dorlin (dir.). *Sexe, race classe*: pour une épistémologie de la domination Paris: PUF; Actuel Marx Confrontation, 2009, p. 111-125.

KOZIK, Karel. **A dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Capítulo Inédito d'O Capital**. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

_____. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 1 (volume 1). 9ª ed. São Paulo: Difel, 1984.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 3 (volume 6). 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ; São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Os Despossuídos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MELO, Hildete; CASTILHO, Marta. **Trabalho Reprodutivo no Brasil: Quem Faz?** Rio de Janeiro: R. Econ. Contemp., v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr., 2009.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social**. In: *Serviço Social e Saúde. Formação e trabalho profissional*. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006, p. 141-160.

_____. (org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VOGEL, Lise. **Marxism and the Oppression of Women**: . Boston: Brill, 2013.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129

Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139

V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br